



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

**INTÉRPRETE DE LIBRAS:  
O SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Verônica Ribeiro Barros<sup>1</sup>

**RESUMO:** A comunidade surda através de sua luta ao longo de muitos anos tem obtido muitas conquistas no âmbito legal, social e educacional. Juntamente com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – como língua oficial do surdo brasileiro, o intérprete de língua de sinais também ganhou espaço. Sua maior área de atuação é na sala de aula fazendo a mediação entre professor ouvinte e aluno surdo. Porém, há uma polêmica no que diz respeito aos limites desta atuação. Este trabalho discutirá as fronteiras do trabalho do intérprete educacional e sua implicação no processo educacional do aluno surdo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Surdos; Bilinguismo; Intérprete de língua de sinais.

**ABSTRACT**

The deaf community through their struggle over the years has obtained many achievements in the legal, social and educational scope. Together with the recognition of the Brazilian Sign Language - LIBRAS - as the official language of the Brazilian deaf, the sign language interpreter also gained space. His major area of activity is in the classroom, mediating between teacher listener and deaf student. However, there is a controversy regarding the limits of this action. This paper will discuss the boundaries of

---

<sup>1</sup> Especialista em Surdez – UNIRIO, [ve\\_ribeirobio@yahoo.com.br](mailto:ve_ribeirobio@yahoo.com.br)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

the work of the educational interpreter and their implication in the educational process of the deaf student.

**KEYWORDS:** Deaf Education; Bilingualism; Sign language interpreter.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho propõe um debate acerca do papel do intérprete educacional que atua em classes regulares numa perspectiva bilíngue.

Como sou intérprete educacional de LIBRAS, encontrei - ao longo dos meus oito anos de profissão - grandes desafios. Por isso, indago nessa pesquisa o papel do intérprete como mediador de culturas – surda e ouvinte. Busco refletir essa mediação em seu papel educacional, seja como mediação social, seja como mediação no processo de aprendizagem. E questiono: Qual o lugar do intérprete em proporcionar a comunicação entre surdos e ouvintes e, portanto, possibilitar as relações de ensino-aprendizagem entre professor e aluno surdo e novas percepções culturais sobre a surdez?

O papel do intérprete na mediação entre as culturas surda e ouvinte, é uma discussão polêmica entre pesquisadores da educação, da linguística e a comunidade surda. Este profissional está presente nos mais variados espaços como escolas, universidades, associações de surdos, órgãos públicos. Meu objetivo nessa pesquisa é evidenciar o papel do intérprete de LIBRAS no espaço escolar.

A profissão de intérprete de LIBRAS tem apenas quatro anos de reconhecimento e regulamentação. Por ser uma área nova de pesquisa, ainda há muito o que debater e refletir.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Neste contexto, é um engano pensar que a função do intérprete limita-se em apenas traduzir. Isso porque, a realidade da grande maioria dessas escolas são os professores e demais alunos sem conhecimento da língua de sinais, da cultura surda e da importância da construção da identidade surda através dos seus pares. Nessas situações, o intérprete acaba, por vezes, assumindo também o papel de educador do aluno surdo.

Quanto mais se reflete sobre a presença do ILS<sup>2</sup>, mais se compreende a complexidade de seu papel, as dimensões e a profundidade de sua atuação. Mais se percebe que os ILS são também intérpretes da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas da identidade e da subjetividade surda, e apresentam suas particularidades, sua identidade, sua orbitalidade. (PERLIN, 2006, p. 138)

Neste trabalho relato o trabalho do Intérprete Educacional, seu papel na educação de surdos e a sua atuação na sala de aula que se faz a partir da dificuldade de comunicação entre professores ouvintes e alunos surdos e destes com os colegas ouvintes.

### **CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: O INTÉRPRETE EDUCACIONAL (IE)**

Uma das áreas onde a presença do ILS é mais requisitada é a educação. Muitos estudos têm sido feitos acerca do papel do intérprete de língua de sinais no espaço escolar, mais precisamente a sua atuação na sala de aula.

Para Quadros (2004), o papel do intérprete que atua na área da educação ainda precisa ser melhor esclarecida, pois sua função ainda é confundida com a do professor. Segundo a autora (QUADROS, 2004, p.60) “O intérprete especialista para atuar na área

<sup>2</sup> ILS: Intérprete de Língua de Sinais



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como entre colegas surdos e os colegas ouvintes”.

Sendo assim, o ILS deveria apenas fazer mediação entre os atores envolvidos na educação. Atividades como tutorar alunos, discipliná-los, realizar atividades extraclasse não faria parte do trabalho do ILS.

Já Lacerda (2000), nos aponta que o intérprete acaba fazendo mais do que simplesmente interpretar e essa atitude pode ser positiva contribuindo com o aprendizado e socialização da criança surda no espaço escolar principalmente nos anos iniciais de escolarização.

Existe uma interação entre aluno e intérprete que vai além da interpretação, eles conversam, o aluno lhe direciona questões referentes ao conteúdo trabalhado e também ao cotidiano, o intérprete o anima e isso o motiva a querer aprender mais e fazer parte da turma de colegas ouvintes.

A participação ativa do intérprete é de fundamental importância e é preciso que seja assim, pois o espaço educacional é próprio para a construção de conhecimentos, e tais conhecimentos não podem ser construídos de maneira plena, especialmente, pela faixa etária da criança envolvida, se o intérprete comportar-se apenas como um “tradutor” imparcial e frio dos conteúdos que estão sendo apresentados pela professora. É, em grande medida, pela função de educadora, assumida pelo intérprete, que a criança pode, nessa experiência, fazer sentido dos conteúdos trabalhados, avançando em seus conhecimentos. (LACERDA, p 82, 2000)

Contudo Quadros (2004) enfatiza que o intérprete que atua em sala de aula deve estar consciente da grande responsabilidade que é o espaço de aprendizado e isto “exige qualificação específica na área da interpretação e nas áreas de conhecimento



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

envolvidas.” (QUADROS, 2004, p.72). Isso porque durante a interpretação simultânea ocorrem muitos problemas relacionados à semântica, a simplificação dos conteúdos e os surdos acabam recebendo informações empobrecidas quando há intermediação deste profissional nas escolas e universidades.

Além disso, o intérprete deve estar consciente de que seu papel é de apenas traduzir e interpretar. Envolver-se com questões educacionais como metodologia de ensino e evolução do aprendizado do aluno não cabe ao intérprete, pois isso deve ser desempenhado pelo professor.

Ainda há muito o que debater acerca do papel do Intérprete de Língua de Sinais na escola. Quadros (2004) e Lacerda (2012) refletem essa questão e trazem olhares diferentes sobre este profissional.

Para Quadros (2004) o intérprete de língua de sinais deve ser um profissional que com a responsabilidade apenas de interpretar, de traduzir e fazer a mediação entre surdos e ouvintes em sala de aula. Já Lacerda vai além. O intérprete não só deve interpretar, mas também participar do processo de aprendizagem do surdo atuando diretamente como co-educador. Juntamente com o professor, o intérprete deve participar da elaboração de aulas e opinar sobre a metodologia utilizada. Que existe um código de ética e este precisa ser seguido pelo ILS, é fato. A seguir dois parágrafos que ilustram até onde o intérprete deve ir em sua função.

2o. O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

3o. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar-se dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade; (QUADROS, p.32, 2004)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Contudo, a dinâmica de sala de aula oferece muitos desafios e possibilidades que extrapolam o código de ética. O intérprete precisa o tempo todo ponderar até onde pode ir sem ser antiético, e ao mesmo tempo, não prejudicar o aluno surdo por ser totalmente imparcial e neutro. Pois, afinal, há situações que exigem do intérprete ser mais que um “tradutor”.

(...) estudos focalizam que a atuação no espaço educacional tem características próprias que precisam ser respeitadas e não se trata de respeitar ou não o código de ética, mas de compreender os diferentes contextos e as necessidades que cada um deles impõe para a atuação do ILS. (LACERDA, 2012, p. 271)

A sala de aula acaba sendo um lugar onde os professores ainda não estão preparados para receber alunos surdos, pois muitas das vezes nem mesmo a escola está. Por isso, colocar um intérprete em sala de aula não é garantia de que o aluno seja assistido de forma plena, pois se a metodologia utilizada pelo professor não for adequada para o aluno surdo o aprendizado do aluno surdo não será satisfatório.

O Decreto 5.626/05 nos itens VI e VII do art. 14 estabelece formas diferenciadas de avaliação da aprendizagem do aluno surdo, contudo não prevê como as informações da avaliação serão ministradas aos alunos surdos que nem sempre conhecem a Libras.

(...) é preciso que se leve em consideração que, na realidade brasileira, a presença da língua de sinais em sala de aula não é garantia de que a criança surda apreenda facilmente os conteúdos, porque nem sempre ela conhece a língua de sinais, ou possui interlocutores capazes de inseri-la nesse universo linguístico. (LACERDA, 2000, p. 57)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Martins (2007), em seu texto traz a surdez “como uma experiência visual que constitui uma marca no corpo surdo – a não audição que ocasiona a experiência da construção subjetiva através da visão.” A autora não está aqui descrevendo o surdo como um deficiente, um “anormal”, mas sim um sujeito com sua subjetividade construída através da língua de sinais. A autora aborda o desejo do surdo de ter sua demanda escutada. Paradoxalmente à sua condição, o surdo deseja ser ouvido.

É preciso ouvir o que o surdo tem a nos dizer sobre isso. Seus desejos, suas inquietações, suas reivindicações.

O que atrapalha essa escuta é que a sociedade está inundada de saberes sobre o outro, sobre o surdo. Saber esse que coloca o surdo na condição de deficiente. E para um deficiente, uma medida “emergencial”: coloca-se o intérprete de língua de sinais em sala de aula e o problema está resolvido.

Como já foi mencionado, o papel do intérprete de língua de sinais em sala de aula ainda não está bem definido.

A legislação não oferece caminhos claros para pensar a questão do ILS educacional e suas peculiaridades de atuação como tradutor em sala, embora afirme e reconheça o direito do surdo incluído de ter um tradutor/intérprete. As relações que se fazem neste novo contexto pedem um redirecionamento atencioso, pois a legislação instaura o conflito do saber e fazer intérprete educacional na educação. (MARTINS, 2007,p.182-183)

Perlin (2006) empreende uma investigação sobre a cultura surda e o papel dos ILSs na qual percebe-se uma visão um tanto negativa dos autores surdos sobre os ILS, que são ouvintes. Para a autora, a condição de ouvintes dos ILS faz com que pareça que os surdos não confiam a tradução a eles. Acaba sendo uma relação onde o ouvinte



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

intérprete é visto como colonizador do surdo. Uma cultura dominante e majoritária sobre uma minoria: “eles ouvintes e nós os surdos e cultura surda e cultura ouvinte são formas de nos identificarmos nas posições do sujeito fortemente marcadas pelas relações de poder” como diz Silva (SILVA, 2000 apud PERLIM, 2006, p. 140).

O intérprete é associado a alguém que detém o poder da tradução. A tradução dependerá de sua posição política em relação ao surdo.

[...] o mecanismo de identificação do ILS envolve relações entre sujeitos e entre culturas. O significado/identidade ILS está constituído por uma poderosa trama de implicações culturais, políticas e de relações de poder. É um fato que esta constituição da identidade permaneça pluralística e os elementos retenham sua *différance*. No entanto também é um fato que algumas identidades se inscrevam como argumentos políticos na ascendência cultural de forma mais poderosa. (PERLIN, 2006, p. 142)

O intérprete habitará uma fronteira entre a cultura surda e a ouvinte, porém o intérprete não deixa de ser ouvinte, nem passa a ser surdo. Nessa condição em que ele se encontra, ocupa um território perpassado por um passado onde os surdos sofreram opressões por parte dos ouvintes. Se os surdos ainda precisam dos intérpretes para essa mediação por conta da falta de escolas bilíngues, a dependência de um ouvinte ainda é uma condição de subordinação dos surdos.

Daí que o trânsito do ILS nas fronteiras culturais exige que se esteja preparado para romper com uma série de artefatos coloniais como a enunciação da cultura surda vista ainda figura subalterna, ou como inexistente em algumas frações sociais. (PERLIN, 2006, p.144)





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho investiga o papel do intérprete de língua de sinais na educação de surdos e através desta pesquisa procuro aprofundar o estudo sobre as implicações do intérprete de Libras em sala de aula, suas atribuições e os limites de sua atuação.

Essa investigação fará uso do procedimento técnico da pesquisa bibliográfica de textos e artigos acadêmicos que abordam a educação de surdos, a inclusão dos alunos surdos em escolas regulares e o papel do intérprete educacional de LIBRAS. O estudo dos trabalhos de outros pesquisadores torna possível uma reflexão sobre o que esses teóricos já construíram e suas divergências a respeito do tema.

Após o levantamento de artigos e textos relacionados ao tema, será feito um estudo analítico para apontar pontos comuns e divergentes de seus autores.

## **DISCUSSÃO E ANÁLISE**

O ato de Interpretar é muito complexo, mas interpretar em sala de aula é uma tarefa mais complexa ainda, pois envolve uma rede de saberes e implicações que afetam diretamente o processo educacional do surdo.

Quero trazer para discussão um pouco da minha experiência como ILS em duas escolas públicas de ensino regular no E. Fundamental II. Atuo em uma escola municipal em Maricá/RJ e em outra escola estadual em São Gonçalo/RJ.

Interpreto LIBRAS há seis anos em escolas, mas tenho nove de profissão. No total, em sala de aula, já interpretei para vinte e oito alunos surdos em séries e turmas diferentes com uma média de quatro alunos surdos por turma.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Nesse tempo, pude perceber que cada aluno surdo é diferente do outro no que diz respeito a sua língua - ao nível de LS e da Língua Portuguesa escrita - e se possui identidade surda ou não. E tudo isso influencia diretamente o trabalho do IE<sup>3</sup> pois este terá que adequar sua interpretação ao nível linguístico do aluno.

Apesar da lei de LIBRAS e o decreto 5626/05 deixarem claro que a LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa, a maioria dos surdos que chegam ao ensino fundamental não possui conhecimento da Língua Portuguesa suficiente para classificá-los como bilíngues a avaliá-los como tal.

Há casos onde o aluno surdo chega ao terceiro ano do ensino médio com pouco vocabulário da Língua Portuguesa e com uma LIBRAS no nível primário.

Em 2014, fiquei responsável por interpretar para alunos do 6º ano do ensino fundamental e assim que comecei notei que uma aluna não compreendia os sinais, pois não respondia com coerência as perguntas que eu fazia. Logo os outros alunos surdos me informaram que ela não sabia Libras o suficiente para haver uma comunicação. Trabalhar com alunos que não tem conhecimento do Português é comum, mas nunca havia interpretado para alguém que não sabia Libras.

A aluna tinha 16 anos de idade e havia estudado os anos anteriores em uma escola regular sem intérprete e sem professor bilíngue. Os poucos sinais que ela sabia tinha aprendido na APADA – Associação de Pais e Amigos do Deficiente Aditivo – onde fez sessões de fonoaudioterapia quando criança.

Nota-se a importância da língua de sinais para o surdo para construção de sua subjetividade, pois é parte essencial de sua cultura. Cultura essa defendida por Perlin (2006) por se tratar de elemento constitutivo do sujeito surdo.

---

<sup>3</sup> Aqui me refiro ao intérprete que assume o papel de intérprete educacional, ou seja, que faz mais do que apenas traduzir línguas.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

A aluna não conseguia se comunicar, construir um pensamento nem se expressar. Os outros alunos surdos por não conseguirem se comunicar com ela, de certa forma, a excluía. Ela não conseguia fazer parte da comunidade ouvinte nem da surda, pois não tinha uma língua que permitisse a ela ter uma identificação com a cultura surda muito menos a cultura ouvinte.

A língua de sinais é a principal marca da cultura surda. Skliar (1998, p.49) nos lembra que “os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram de geração em geração uma linguagem, a linguagem de sinais, cuja modalidade de recepção e produção é viso-gestual”. Seus usuários tem orgulho de ter o reconhecimento e legitimação de uma língua que foi fruto de muita luta e reivindicação.

Mas, o que pode fazer o IE diante de uma situação como essa? Eu sabia que se ela continuasse sem língua, eu não conseguiria me comunicar com ela e logo meu trabalho não faria sentido, pois como intérprete sou agente de comunicação. Sem língua não há comunicação. E o aprendizado dos conteúdos escolares seria impossível.

Tendo o conhecimento de que a única forma dela adquirir língua e identidade seria junto dos seus pares surdos, “pois é pelo contato e experiência com outros sujeitos que a criança pode construir valores e conhecimentos a cerca da surdez” (BEHARES, 1999, BOTELHO, 1999 apud LACERDA), solicitei, então, ajuda aos outros alunos surdos, todos da mesma faixa etária da aluna. Pedi que a acolhessem, que se esforçassem para se comunicar com ela e que a permitissem ficar sempre com eles nos intervalos das aulas.

Enquanto isso, na sala de aula, orientei os professores quanto a particularidade da aluna que além de não saber o português escrito também não tinha LIBRAS o suficiente para haver uma comunicação plena. A maioria dos professores



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

compreenderam e adaptaram não só as avaliações como também as atividades diárias de acordo com o que era possível naquele momento para aluna.

Orientar os professores acerca dos alunos surdos também faz parte da função do IE. Por conhecer a língua de sinais e a cultura surda, é mais fácil para o intérprete encontrar estratégias de ensino para o aluno surdo do que um professor que não sabe nada sobre a surdez. Como nos diz MARTINS (2006, p. 164), “É o intérprete que percebe a dificuldade e tenta encontrar caminhos e métodos que facilitem a aquisição do conhecimento” por parte do aluno surdo.

Contudo, é importante deixar claro que a responsabilidade do ensino cabe ao professor e não ao intérprete. O que deve haver é uma parceria, um trabalho conjunto entre esses dois profissionais com o objetivo de criar estratégias e métodos de ensino que consigam contemplar as especificidades desse alunado.

Mas sem língua, como se comunicar? Mesmo sem ter uma formação pedagógica, tentei utilizar todos os recursos visuais que estavam ao meu alcance para tentar me comunicar com ela: desenhos, imagens, fotografias, pantomima, mímica... Como ela era a única aluna surda da turma, pude me dedicar mais e concentrar toda a atenção a ela. O que não seria possível se houvesse outros surdos.

Com o tempo essa estratégia, juntamente com a ajuda dos outros alunos surdos, deu certo. Quanto mais ela adquiria a LIBRAS, menos desenhos eu precisava fazer, pois a língua de sinais já bastava para a comunicação. Sua subjetividade e identidade surda foram sendo construídas e, aos poucos, eu via avanço na comunicação e estrutura do pensamento. Ela, depois de alguns meses, melhorava a sua comunicação, expressando suas opiniões e sentimentos.

Hoje essa aluna surda está no 7º ano e nem pareceu que há um ano sequer conseguia se comunicar. Depois de um ano, com o contato com os outros surdos, a



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

jovem começou a usar alguns dos recursos da língua de sinais como: os classificadores e expressões faciais e/ou corporais tornando sua comunicação rica em detalhes.

Mas isso só pode acontecer porque me posicionei como intérprete educacional assumindo a responsabilidade não só de agente de comunicação, mas também de agente educacional. Pois se me coloco apenas como tradutora, ou seja, um profissional com a função somente de traduzir línguas, essa aluna não poderia compreender os conteúdos escolar e se integrar aos outros colegas e a comunidade escolar.

E é por isso, que defendo em meu trabalho a figura do Intérprete Educacional com agente de educação. Pois acredito que o intérprete que atua em sala de aula não deve se comportar como um intérprete que atua, por exemplo, em congressos e palestras. Até porque, em sala de aula o foco é o aprendizado do aluno. De que adianta o intérprete interpretar se o aluno não entende o que ele explica? Como o professor ouvinte pode se comunicar com o aluno surdo através da escrita se o aluno ainda não consegue escrever com coesão e coerência?

O intérprete educacional deve estar atento a essas questões e mediar não só a comunicação entre surdos e ouvintes, mas também mediar o conhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O código de ética do intérprete de língua de sinais nos diz que este profissional deve ser imparcial e neutro e que sua função é apenas traduzir/interpretar.

Contudo, em sala de aula, o intérprete é impelido a fazer mais que isso. Esse não deveria ser o comportamento do intérprete, porém, para ele, acaba sendo uma situação em que não tem saída: parece que se ele não intervir o aluno será prejudicado, pois



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

mesmo possuindo potencial para alcançar grandes níveis de desenvolvimento educacional, seu aprendizado fica limitado.

O intérprete, então, deverá atuar em sala de aula sem prejudicar o surdo, nem ocupar o espaço do professor: mas o que significa exatamente atuar dessa forma? Deverá atuar participando ativamente do processo educacional do aluno surdo, com o cuidado de não ultrapassar a fronteira da ética profissional deixando para o professor a responsabilidade do ensino.

Na prática profissional dos intérpretes, é perceptível também a grande influência deste nas relações sociais do aluno surdo com os ouvintes. Parece haver uma certa transformação no olhar do outro sobre o surdo quando este se apresenta acompanhado de um intérprete. Surge para o outro algo diferente. Aquele que antes era visto como um deficiente que necessitava de cuidados e com quem ninguém conseguia se comunicar, de repente passa a ter “voz”, personalidade, desejos, opiniões. E com isso, a emergência de novos intérpretes: outras pessoas que também querem aprender LIBRAS para se comunicar com os surdos. E mais que isso, conhecer sua cultura.

Os intérpretes percebem que expressões como “surdo-mudo” e “mudinho” deixam fazer parte do vocabulário das pessoas envolvidas com o trabalho na escola e os ouvintes, um a um, vão recebendo sinais de batismo. Pelo lado dos ouvintes, há um certo orgulho quando conseguem fazer um sinal e o surdo entende. O papel do intérprete parece ganhar um destaque porque nesse momento é ele quem apresentará a cultura surda para a escola, principalmente se esta não tiver uma classe bilíngue. O trabalho do intérprete também é fundamental para esclarecer aos professores e funcionários mais sobre a cultura surda e a educação de surdos.

Sendo assim, na visão dos intérpretes de língua de sinais, sua ocupação aparece como de um mediador de culturas. Ora ele participa do processo de aprendizagem, ora



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

ele participa do forjamento das relações sociais. Entretanto, essa forma de enxergar a participação dos intérpretes no processo educacional é extremamente controversa, pois reproduziria a assimetria entre ouvintes e surdos e não seria promotora da autonomia dos surdos.

Muito ainda precisa ser feito para que o surdo seja assistido de forma justa para que ele possa ter acesso aos conteúdos de forma plena assim como os ouvintes, pois seguindo o código de ética ou sendo mais do que um tradutor, ainda assim o ILS não é garantia de educação de qualidade para o aluno surdo. Pois afinal, essa responsabilidade é do sistema educacional como um todo: governo, escola, professores.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB. Brasília, DF, 1996. Disponível em: [http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas\\_tecnicas\\_pne\\_2011\\_2020.pdf](http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf) Acesso em: 05 abril/2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

LACERDA, C. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes. In: LACERDA, C., GÓES, M.C.R. (Orgs.) Surdez – Processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, os. 51- 84, 2000.

LACERDA, C.B.F. de. O intérprete de língua brasileira de sinais (ILS). – In: LODI, A.C.B., MELO, A.D.B. de, FERNANDES, E. (Orgs.) Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MARTINS, V. R. de O. Intérprete de Língua de Sinais Legislação e Educação: O que temos, ainda, a “escutar” sobre isso? ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v8, n.esp., p.171-191, jun. 2007.

MARTINS, V. R. de O. Implicações e Conquistas da Atuação do Intérprete de Língua de Sinais no Ensino Superior. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n.2, p. 158-167, jun. 2006.

PERLIN, G. A Cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v7, n.2, p.136-147, jun. 2006.





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

QUADROS, R.M. de. O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília: MEC; SEESP – Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2004.

SKLIAR, C. Bilingüismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 8, p. 44-57, maio-jun.-jul.-ago. 1998.